

VANESSA BARBARA

# O louco de palestra

*e outras crônicas urbanas*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Vanessa Barbara

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

<completar>

*Preparação*

Julia Passos

*Revisão*

Angela das Neves

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Barbara, Vanessa

O louco de palestra : e outras crônicas urbanas / Vanessa Barbara. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2461-9

1. Crônicas brasileiras 1. Título.

14-04651

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

## PARTE I: O MANDAQUI E SUA LÓGICA

O Mandaqui e sua lógica, 11

A nossa rua, 13

O mandaquiense, 15

No meu tempo, 20

Democracia ou cama, 22

Free ZN!, 24

Pular, rastejar e rolar, 26

Mandingas de sofá, 28

Papa Tudo por Dinheiro, 30

Lagartas e outras distrações, 32

## PARTE II: EU NÃO ENTENDO

Luzes acesas, 37

Banco Imobiliário radical, 39

O alfabeto das ruas, 41

O nome da rede, 43

Decodificando letreiros, 45  
Decifrando itinerários, 47  
701U, a Transiberiana paulista, 49  
Um conto do 701U, 52  
O legado de Kudno Mojesic, 56  
Passinho para a frente, por gentileza, 58  
O sem-carro, 60  
A mochila do paulistano, 65  
Eu não entendo, 67  
Tevê tormento, 69  
A filosofia sacolejante, 71  
Questões delicadas, 75  
Os sem-celular, 77  
O louco de palestra, 82  
Eu protesto, 95  
O popular exaltado, 98  
A marcha dos satisfeitos, 103  
Unidos do lacrimogêneo, 107  
A nova geração saúde, 110  
Rafting na Pompeia, 112  
Cuidado comigo. Eu faço pilates, 114  
A queda do sistema, 116  
Xixi na rua, 120  
Rúcula ou agrião?, 123  
Latifúndios improdutivos, 126  
Promessas de Ano-Novo, 129  
Animais domésticos, 132  
Cartão de Ano-Novo, 135  
Em *Roma*, como os romanos, 137  
Morando junto, 139  
Um beijo para os meus familiares, 141

A vida dos outros, 143

Papai Noel armênio e egípcio de quipá, 145

Parte III: 我唔明白

Ser fatal em Cumbica, 157

Olimpíada para quem tem asma, 161

Façam suas apostas, 163

Uma carta, 165

Pato na água, 168

Agora é sério, 170

Euforia olímpica, 172

Uma em um bilhão, 174

Queria escrever, 189

As coisas que restam, 191

PARTE I

## O Mandaqui e sua lógica

# O Mandaqui e sua lógica

O distrito do Mandaqui fica na zona norte de São Paulo, tem treze quilômetros quadrados, 24 bairros, 103 mil habitantes, 39 favelas, uma pedreira, duas escolas de balé, oito paróquias, uma biblioteca, moradores atrapalhados e um fuso horário diferente. De ônibus, seu bairro principal, o Alto do Mandaqui, fica a uma hora e meia da civilização e a vinte minutos das estações de metrô mais próximas, Santana e Jardim São Paulo. Talvez por isso seja um universo à parte, onde as coisas não seguem a mesma lógica do resto da cidade.

É um bairro onde costuma faltar luz e a bocha é um esporte respeitável. No Mandaqui, as lojas têm nomes de pessoas, e não epítetos comerciais: quem vai à papelaria diz: “Vou na Vanilda”, quem precisa ir à farmácia diz: “Vou no seu Décio”; para comprar verduras é no seu Eliseu, para consertar a televisão é no Akira, a podóloga é a Sandra, e a dentista é simplesmente “a dentista”. No Mandaqui, quando um ônibus se perde do itinerário o povo sai na rua para conferir. Já é lendária a história de um 178L — Lauzane/Hospital das Clínicas que desceu uma

pequena rua residencial, inexplicavelmente longe de seu trajeto normal, e provocou comoção nos nativos.

No Mandaqui há cavalo desgovernado, tiroteio na praça, santa encontrada no córrego, gente de pijama na rua e carteiros cantores que ajudam os amigos a vender mandioca. Às vezes, os motoristas de ônibus desviam da rota para levar um passageiro até a porta de casa ou para tomar um suco na cozinha de alguém. De vez em quando, um cadáver é encontrado no córrego e um brechó abre em alguma esquina. Há estabelecimentos com nomes sugestivos, como a choperia Mandacá e a veterinária Mandacão. Há a maior piscina de bolinhas da América Latina, a Amazing Balls, que abriga 310 mil esferas multicoloridas e promoveu, em 2005, uma comemoração ao Dia da Madrasta.

No último dia 6, o Mandaqui completou 120 anos de fundação. Seu nome vem do tupi “rio dos bagres”, o que dispensa comentários, mas há também outras versões. Uma delas remete a um antigo morador, que, ao encontrar em sua propriedade os funcionários da Companhia da Cantareira, disse que quem mandava ali era o “filho do meu pai”, ou seja, ele mesmo. Os vizinhos, de irredutível natureza trocadilhesca, passaram a se referir à área como terra do Mandaqui.

Nesse peculiar vilarejo, às vezes caem barras de ferro do céu (como num dia, em 1990, fato que ainda não teve explicação) e praças surgem da noite para o dia, como a saudosa praça Tito. Situada num ponto da rua Coronel Joaquim Ferreira de Souza, a praça foi criada por um nativo e consistia numa área repleta de ervas daninhas e arbustos venenosos. Naquele pequeno espaço havia uma cadeira carcomida de cor bege e um cartaz de papelão, no qual se lia: “PRAÇA TITO. Favor não estragar a mobília.” Infelizmente, o logradouro não existe mais.

*O Estado de S. Paulo*, 12 de outubro de 2008



# A nossa rua

No Mandaqui, a gente comia tatu-bola, tomava banho de chuva e tinha medo da Ana Paula, que batia nas meninas só porque elas eram mais altas. A gente vestia todas as roupas do armário para brincar de Elefantinho Colorido e dava voltas no quarteirão de meias para comemorar uma vitória no futebol. A gente esnobava as crianças mais novas e falava mal da Cássia, que nunca fez nada de mal pra ninguém — desculpa aí, Cássia, você não é orelhuda — foi mal. A gente brigava feio a cada quinze dias, arrumava novos amigos na rua de baixo e jogava ovos no quintal dos outros, só por represália.

Na rua 2, a gente estendia uma rede de vôlei no portão dos Pessoa e da Mariângela, e ficava jogando até escurecer ou a mãe de alguém chamar para tomar Nescau, causando constrangimento na vítima e duas semanas ininterruptas de troça. Quando passava carro, a gente saía correndo com uma vassoura para erguer a rede bem alto, senão a antena do veículo enroscava e todo mundo começava a gritar como se o universo fosse acabar ali mesmo, num

vórtice laranja de cacos de vidro, bambolês e pitangas. Quando descia caminhão na rua, o Gustavo se arremessava no portão para desamarrar a rede, enquanto os outros se estendiam no asfalto para impedir a passagem do bólido automobilístico, mártires do vôlei mambembe numa rua pouco movimentada, em descida, que é para dificultar ainda mais o esporte tupiniquim.

Nos dias de frio, ficávamos sentados na calçada enrolados num cobertor, discutindo sobre coisas muito importantes. A gente roubava no truco, no taco e furtava luzinhas de Natal dos nossos desafetos. A gente idolatrava o Menelau, um cão que viveu cem anos e que não latia nunca. A gente morria de medo da Selma: quando a bola caía no telhado do 136, o time se evaporava em dois segundos, mergulhava atrás dos arbustos, descia correndo o escadão, corria até Parelheiros e pensava que aquele era o momento mais perigoso de toda a existência — a Selma saía no portão com a bola na mão, gritando: “eu sei que vocês estão aí”, enquanto a gente encomendava nossa alma ao Criador e rezava baixinho. A Selma era brava.

Nas férias de julho, a gente brincava de escritório: o Bernardo era o chefe e a Paula era uma das secretárias. Furtávamos uma dezena de aparelhos velhos das nossas casas ou de antiquários de quinta categoria, tipo telefones quebrados, grampeadores industriais, fichários, cadeiras de rodinhas e, um dia, chegou um computador 386 no qual a gente fazia fichas cadastrais dos funcionários usando o Bloco de Notas. Às vezes a gente derrubava o chefe e promovia todo mundo, ou rolava alguma briga com o pessoal do sindicato e uma turma de dissidentes abria concorrência na casa do lado.

Hoje o meu irmão tem uma mesa só dele no Banco do Brasil, sai de casa cedo para brincar de escritório e não chama ninguém.

*O Estado de S. Paulo*, 1º de fevereiro de 2009

# O mandaquiense

O distrito do Mandaqui, como todos sabem, localiza-se na zona norte de São Paulo, entre os condados de Santana e Cachoeirinha. Segundo uma pesquisa recente, tem área de treze quilômetros quadrados e população de 103 mil moradores, dentre os quais 53% são católicos e 37%, corintianos. Ainda segundo a pesquisa, 46% dos mandaquienses possuem cachorros e 1% deles são felizes proprietários de coelhos. A média de idade é de 38 anos, com predominância de mulheres e solteiros. Há 6% de viúvos e 15% de fãs de música sertaneja. Exatos 35% são gordinhos.

Os primeiros mandaquienses tinham o sobrenome Zumkeller e chegaram à região no início do século xx. Ali plantaram videiras e criaram gado leiteiro. Com a prosperidade, veio o estrelato: o patriarca Alfredo, sua esposa Judith e os filhos Eduardo, Jorge, Maurício, Lídia e Julieta viraram logradouros. Tornaram-se avenida Zumkeller, rua Judith Zumkeller e por aí vai — ainda não há consenso se a pronúncia é “Zúncler” ou “Zumquéler”.

Esses foram os pioneiros e mais ilustres mandaquienses, mas não sabemos quais eram os seus anseios e preocupações.

Hoje se sabe que o mandaquiense típico não é pontual: sempre chega com escandalosa antecedência, como se considerasse o ônibus quebrado, a enchente no caminho, a manada de ovelhas interditando o farol. A antecipação oscila entre quinze e sessenta minutos, com picos de até duas horas, e o mandaquiense, invariavelmente aflito, vai procurar uma padaria para tomar um suco enquanto o compromisso não vem. É comum encontrar mandaquienses vagando pelas ruas do Itaim, sentados no meio-fio, brincando com tampinhas de guaraná e checando o relógio de cinco em cinco minutos.

O mandaquiense usa relógio de pulso. Gosta de acordar cedo, ouve rádio de pilha e acompanha a meteorologia. Quando criança, divide o cabelo ao meio e tem um desses estojos de lata, cheios de canetas e borrachas coloridas. O mandaquiense gosta de grifar, de fazer tabelas e de cumprimentar os vizinhos. Ele lê muito, pois de Santana ao Mandaqui os ônibus tendem a ficar presos no tráfego. E não é só isso: o mandaquiense acompanha com zelo os folhetos de ofertas dos mercados e das farmácias. É ele quem enfrenta multidões às cotoveladas só para comprar um abacaxi com sessenta centavos de desconto.

No âmbito emocional, o mandaquiense tem um senso de humor complicado e é fácil ofendê-lo sem querer. Por outro lado, é difícilimo magoar um mandaquiense de propósito. Os mais vis xingamentos não atingem o habitante local, que, distraído, nunca acha que é com ele. Costuma ter o coração grande e um comprido quintal. Gosta de plantas e de vendedores de mandioca, nessa ordem, estuda em colégio religioso e dificilmente repete o ano.

Ele se interessa pelo mecanismo de funcionamento das coisas e pode passar semanas tentando consertar um espreme-

dor de laranjas, debruçado sobre uma mesa cheia de arruelas e chaves de fenda. Faz ele mesmo os reparos no telhado, só para não precisar pagar um especialista. Quanto aos especialistas, os mandaquienses são os mais tenazes. Resolvem qualquer questão hidráulica, elétrica ou mecânica, e, se não resolvem, é garantia de que passarão meses tentando. Fornecerão as instruções pelo telefone, se for o caso, agregando informações recentes sobre a família, o clima e os boatos locais.

Os nativos do Mandaqui são às vezes avoados, mas, quando decidem se concentrar, gastam um tempo desproporcional em tarefas que só interessam a eles, como mandar cartas-resposta à fábrica de doce de abóbora reclamando da dificuldade de abrir os potes, com datas e horários das tentativas de libertar a guloseima. São eles que dão consistência às filas nos açougues, que congestionam a linha telefônica da Eletropaulo quando falta luz e que gritam “Vai, Curíntias” durante a formatura dos sobrinhos.

Um diálogo típico entre dois mandaquienses pode se dar da seguinte forma:

NUNO: “O Robert Altman morreu.”

SILAS: “A Odete Roitman?”

O mandaquiense não tem senso de direção e se confunde com facilidade. Veste o pijama às cinco da tarde e adora sair para comprar engenhocas de plástico, patinhos de borracha, rodos de pia, pregadores de madeira e papa-bolinhas que não funcionam. (No bairro, ainda existem amoladores de faca e vendedores de biju.) O mandaquiense faz a lista de compras no computador e usa a fonte Comic Sans, dividindo por cores os itens de higiene pessoal, alimentação e jardinagem.

São mandaquienses em potencial aqueles que classificam os livros em ordem alfabética, dispõem as camisas do armário em dégradé e possuem o mesmo arranjo de gavetas desde 1964. São mandaquienses desde criancinha aqueles que fazem uma refeição respeitando o equilíbrio dos componentes no prato — o arroz deve chegar ao fim concomitantemente ao feijão e à mistura, e esta ao suco, sob pena de “dar nojo” aos comensais.

“Dar nojo” é uma expressão típica, empregada quando algo está fora do lugar ou um forasteiro deixa a gaveta aberta, por exemplo. O nojo está para o mandaquiense assim como a guerra, a fome e a peste estarão para a humanidade no Juízo Final. Se quiser apouquentar um habitante local, é só largar uma meia do avesso em qualquer lugar da casa e ficar atrás da porta, esperando. Os resultados são imediatos.

Outra conversa característica entre dois autóctones, na porta da farmácia:

NUNO: Silas, lembra do que eu te falei agora há pouco? Sobre aquele meu primo que mora no Lauzane e que casou na semana passada?

SILAS: Não.

O nativo do Mandaqui costuma ter opiniões fortes sobre os enxaguatórios bucais e não atende o telefone dizendo “Alô”, mas “Alôncio” — e aí cai na gargalhada sozinho, antes de engatar uma conversa com quem quer que esteja do outro lado da linha. Principalmente se for engano. É comunicativo, mas não sabe contar piadas. Não resiste a um calemburgo do tipo “Aldo, você está atrasado!”. Confraterniza com os patrícios em cadeiras nas calçadas ou no balcão das padarias, onde reclama do colesterol alto e pergunta como vai o João Perninha, da bocha.

A propósito: para ter respeito e receber a alcunha de “señhor” no bairro, é necessário que o proponente seja proprietário de um comércio — o sr. Eliseu da quitanda, o sr. Irineu do bar do clube e o microempresário sr. Firmo Farias —, ou ter sobrevivido a uma hecatombe nuclear — o sr. Nakamura. Agora, se o sujeito foi alçado à glória terrena apenas por jogar bocha, deve se contentar com apelidos como João Perninha, Pedro de Lara, Zé Colmeia ou Frangão.

O mandaquiense sobe e desce os morros com um guarda-chuva em punho e meia dúzia de garrafas PET na sacola, toma o 118C lotado e sobrevive à fúria do motorista, que faz as curvas como quem toma a Prússia. Se o mundo fosse só de mandaquienses, certamente seria melhor, mas todos teriam que usar pochetes.

*piauí*, janeiro de 2010